



“ERA ÓBVIO QUE ISSO IRIA ACONTECER”:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O VIÉS  
RETROSPECTIVO

“IT WAS OBVIOUS THAT THIS WOULD HAPPEN”: CONSIDERATION  
ABOUT THE HINDSIGHT BIAS

Bruno Stefani Ferreira de Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo

O viés retrospectivo é o fenômeno de perceber e avaliar eventos diferentemente, uma vez que eles tenham ocorrido. Dada uma falha cognitiva, pessoas tendem a ter distorções da memória e a produzir falsas sensações de inevitabilidade e previsibilidade. Os objetivos deste trabalho foram fazer uma revisão de literatura do viés retrospectivo e discutir as implicações teóricas e práticas do tema. Uma pesquisa, realizada nas principais bases de dados do país, não encontrou nenhum artigo relacionado com o tema. A partir de uma seleção das principais pesquisas internacionais sobre o assunto, foi feita uma análise que mostrou os níveis cognitivos do viés retrospectivo, suas implicações e as estratégias usadas para atenuar o viés. Nas considerações finais, são discutidos o impacto e a importância do conhecimento desse fenômeno no dia a dia de tomadores de decisão e cidadãos, assim como a necessidade de se explorar o tema em pesquisas nacionais.

**Palavras-chave:** Viés retrospectivo; Vieses cognitivos; Falsa memória; Heurísticas; Tomada de decisão.

### Abstract

Hindsight bias is the phenomenon of perceiving and evaluating events differently once they are occurred. Given a cognitive flaw, people tend to have distortions of memory and produce false sensations of inevitability and predictability. The objective of this work is to make a literature review of the hindsight bias and to discuss both theoretical and practical implications of the theme. A search conducted in the Brazilian's main databases did not find any articles related to the topic. From a selection of the main international studies on the subject, an analysis was made showing the cognitive levels of the hindsight bias, its implications and the strategies used to attenuate the bias. In the final considerations, the impact and importance of day-to-day knowledge of the phenomenon and the need to explore the subject in national research are discussed.

**Keywords:** Hindsight bias; Cognitive bias; False memory; Heuristics; Decision making.

<sup>1</sup> Bruno Stefani Ferreira de Oliveira. Psicólogo pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. MBA em Gestão de Negócios pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: brunodeoliveirapsi@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Desde os primeiros trabalhos dos psicólogos e ganhadores do Nobel de economia, Daniel Kahneman e Amós Tversky (1973), que as áreas da tomada de decisão e julgamentos têm ganhado enfoque nos chamados vieses cognitivos. Por viés cognitivo se entende a tendência de se pensar e julgar de determinadas maneiras que levam a erros sistemáticos de lógica, resultando em tomadas de decisões e julgamentos irracionais. Tal como a ilusão de ótica está para a percepção ocular, os vieses cognitivos são falhas ou limitações de processamento de informações cognitivas.

Diversas pesquisas têm apontado vários vieses cognitivos que influenciam os julgamentos e as tomadas de decisões cotidianas. Por exemplo: viés de disponibilidade – tendência a considerar mais provável o evento que vem primeiro à mente, o qual se manifesta em várias pessoas que consideram mais arriscado viajar de avião do que de carro; viés de confirmação – tendência de buscar e interpretar apenas informações que confirmem crenças preexistentes; viés retrospectivo – nome dado à tendência das pessoas de, após tomarem ciência do resultado de um evento, considerar tal desfecho mais previsível do que de fato era antes da informação obtida (Fischhoff & Beyth, 1975). Este último será o foco do presente trabalho.

O viés retrospectivo é um fenômeno psicológico que pode ser observado em frases do tipo “*Eu sempre soube que isso iria ocorrer*” ou “*era obvio que terminaria assim*”. Ele é considerado quando há uma diferença entre o julgamento de previsibilidade de um determinado evento e a recordação futura do momento em que foi feita a previsão. Esse viés é gerado pela falha cognitiva de se lembrar o sentimento de incerteza que antecede um determinado evento (Bhattacharya, 2012; Roese & Vohs, 2012), criando a ilusão do grau de previsibilidade daquele acontecimento.

A falsa crença de que um desfecho já era previsível ou determinístico, gerada pelo viés retrospectivo, tem consequências diretas nas tomadas de decisões e julgamentos cotidianos. Por exemplo, considere uma pessoa que votou em um candidato político, o qual no período de eleição parecia ser confiável; mas que, após eleito, mostrou-se ser corrupto, por meio de claras evidências. Enviesada, essa pessoa poderia facilmente concluir que tal político nunca passou confiança, mas que votou nele porque não tinha outra opção. Tal pensamento pode gerar uma crença subsequente que leva ao descrédito em análises de candidatos políticos, uma vez que todos são corruptos e não faz diferença escolher entre um ou outro. Pesquisas têm mostrado que mesmo entre

especialistas como juízes, médicos, analistas financeiros e diversos profissionais tomadores de decisões em geral, ocorre essa falha cognitiva, gerando consequências negativas para empresas, negócios e pacientes (Kanehman, 2012; Murata & Matsushita, 2014; Motavalli & Nestel, 2016). Diante disso, torna-se fundamental entender os mecanismos subjacentes a esse viés, além de explorar e difundir o assunto, a fim de que tanto profissionais quanto pessoas em geral tomadores de decisões possam tomar ciência das implicações desse fenômeno cognitivo no dia a dia.

Apesar desse campo de pesquisa ser bastante explorado internacionalmente, evidenciado pelos inúmeros trabalhos sobre o assunto que estão nas principais bases de dados acadêmicos internacionais, não foi encontrado nenhum trabalho nacional na base de dados do *Scielo*, *PEPSIC* e *BVS Psicologia Brasil*, que tratasse do assunto. Foram indexadas as palavras-chave *viés retrospectivo* e *viés de retrospectiva* e nenhum resultado foi encontrado até maio de 2017. Como comparativo, uma busca realizada na base de dados dos *Periódicos Capes* usando a expressão *hindsight bias* apresentou mais de 600 artigos sobre o tema, considerando apenas os resultados dos últimos 5 anos publicados em periódicos revisados por pares. A propósito, o campo de estudo dos vieses cognitivos em geral é extremamente escasso no Brasil, mesmo com a grande relevância do tema para diferentes áreas da vida relacionadas à tomada de decisão e julgamento. Daniel Kahneman, por exemplo, é um dos maiores expoentes no assunto e por isso, é considerado um dos mais influentes psicólogos no mundo. O presente trabalho, portanto, tem como objetivos fazer uma revisão de literatura do viés retrospectivo e discutir as implicações teóricas e práticas do tema.

## O VIÉS RETROSPECTIVO

Fischhoff e Beyth (1975) realizaram um experimento em que sujeitos foram solicitados a prever a probabilidade do desfecho de um determinado acontecimento político. Dias depois do ocorrido, os participantes foram questionados sobre qual tinha sido a resposta dada. O viés retrospectivo foi operacionalizado como a diferença estatisticamente significativa entre as respostas de previsão e de lembrança. Em algumas tarefas, essa diferença foi percebida em cerca de 84% dos participantes, ou seja, a conclusão geral da pesquisa foi clara: a depender do real desfecho, essas pessoas tendiam a acreditar que seus julgamentos anteriores foram mais próximos do resultado. Por exemplo, quando o evento havia de fato ocorrido, os participantes tendiam a exagerar a probabilidade de haver previsto aquilo. Já se o episódio não havia

ocorrido, erroneamente, eles lembravam que sempre o haviam considerado improvável.

## Os níveis do viés retrospectivo

Pesquisadores têm mostrado que há três níveis diferentes de viés de retrospectiva: distorção da memória, inevitabilidade e previsibilidade (Nestler, Blank & Egloff, 2010; Roese & Vohs, 2012). O nível da distorção de memória envolve a falsa lembrança de um evento anterior, o qual é ancorado no conhecimento posteriormente adquirido (Calvillo, 2013), como no exemplo ocorrido na pesquisa de Fischhoff e Beyth (1975), discutida acima. Ao contrário do que alguns pensam, a memória não é projetada para recordar os eventos passados, mas sim para adaptar-se ao futuro. Sua principal função não é a recordação fiel dos fatos, mas fazer o passado ter sentido (Fischhoff, 2003). Quando ocorre algum evento que não era esperado, por exemplo, instantaneamente é criada uma rede de sentidos pela mente que reformula narrativas a respeito do passado, a fim de acomodar a surpresa (Kanehman, 2012). Nessa lógica, ao ser confrontado com novas informações, podemos criar falsas memórias a ponto de não ser possível recordar o estado da mente anterior ao sucedido (Ghrear, Birch & Bernstein, 2016; Murata & Matsushita, 2014; Nestler, Egloff, Kufner & Back, 2012).

Knoll e Arkes (2016) realizaram uma pesquisa com universitários que continha três condições experimentais: participantes que leram um texto sobre a Liga de Basebol e foram solicitados a responder da melhor forma possível; participantes que leram o mesmo texto, mas foram solicitados a responder o questionário de verdadeiro/falso como se não tivessem lido o texto, ou seja, como um universitário comum; e, um terceiro grupo que leu um texto sobre cachorros e foi solicitado que respondesse o mesmo questionário que os demais. Os resultados indicaram a média de resposta correta ( $M=13$ ) do grupo que leu o texto sobre basebol, mas foi solicitado que respondesse como se não tivesse lido, foi significativamente maior que as do grupo que leu um texto sobre outro tema ( $M=10$ ). Ou seja, houve um efeito de retrospectiva, pois aqueles que responderam o texto como um universitário comum, não conseguiram deixar de lado as novas informações e foram incapazes de recordar quais conhecimentos de fato possuíam antes da leitura do texto. É como se novas informações contaminassem a memória e, uma vez tendo recebido um input novo, a pessoa diminuísse sua habilidade de reconstruir crenças passadas de forma fidedigna.

Já no nível da inevitabilidade, ocorre a crença de que um evento passado estava predeterminado. É como se a sequência de eventos fosse vista de forma linear,

produzindo uma sensação de obviedade, ou seja, como se tudo aquilo não pudesse ter acontecido de outra forma. Fischhoff (2003) realizou um experimento no qual o grupo controle indicava a probabilidade da ocorrência de cada um dos quatro desfechos possíveis indicados, diante de uma curta história apresentada. O grupo experimental recebia a mesma história, porém com uma indicação da palavra “*verdade*” depois de uma das quatro alternativas de desfecho. Os resultados indicaram que o fato das pessoas terem consciência de qual era o real desfecho, no caso, o grupo experimental, aumentava consideravelmente ( $p < 0,01$ ; teste do sinal) a percepção de aquele resultado específico ser o de ocorrência mais provável diante dos dados revelados na história.

O fenômeno da inevitabilidade pode ser explicado pelo que Taleb (2014) chama de a falácia da narrativa, que é a necessidade humana de olhar para uma sequência de fatos como se tivessem uma ligação lógica entre si, construindo explicativas ilusórias e simplificando os acontecimentos, a fim de os tornarem mais fáceis para a memória, bem como, extrair mais sentido do mundo. Por exemplo, em esportes coletivos, onde inúmeras e complexas variáveis interagem para o resultado final, é muito comum observar pessoas que, diante do insucesso de uma determinada equipe em um campeonato, constroem uma narrativa explicativa composta por simples e limitados elementos (muitas das vezes, apenas um) que justificam toda a trajetória de um time durante o tempo: “*os jogadores eram muito festeiros, logo, não conseguiram a concentração necessária para os jogos, e por isso perderam o campeonato*”. Como concluiu Kahneman (2012), uma história convincente, que possui início, meio e fim, aparenta como se o resultado fosse óbvio e inevitável.

O terceiro nível do viés de retrospectiva, a previsibilidade, vai além da visão de inevitabilidade e alcança suporte na crença – inerentemente subjetiva – do domínio de uma habilidade e sensibilidade para previsões. Nesse nível, uma sensação de competência na própria capacidade é adicionalmente incluída. Mais do que achar que um desfecho é inevitável, esse subtipo do viés envolve a sensação de que aquilo sempre foi perceptível para a pessoa. Participantes de uma pesquisa (Bradfield & Wells, 2005) assistiram a uma cena de vídeo que mostrava a interação de um casal em uma discussão. Logo após, foram solicitados a adivinhar qual dos parceiros tinha uma relação extraconjugal. Aqueles que acertaram a resposta relataram maior grau de certeza de ter identificado corretamente, desde o início do vídeo, as razões para suas conclusões. Além de disso, mostraram que seus julgamentos foram feitos nas informações obtidas e que a tarefa tinha sido fácil, mesmo embora, o cônjuge infiel

fosse uma variável independente, isto é, mesmo todos vendo o mesmo vídeo, metade foram informados que o infiel era o homem, e para outra metade foi dito que era mulher. Ou seja, as reais características da cena não possuíam pistas suficientes para nenhuma alternativa, no entanto, ao tomar consciência do desfecho, seja para quem respondeu *o homem* ou *a mulher*, eles tendiam a acreditar que, para eles, o desfecho era mais evidente, dadas suas habilidades de interpretação nessas situações.

O efeito de previsibilidade tende a aumentar em situações em que as explicações para um evento parecem ser mais fáceis. Por exemplo, participantes que são solicitados a gerar duas explicações possíveis para um determinado resultado, tendem a apresentar maior nível de viés de retrospectiva do que aqueles que são demandados a elaborar dez explicações (Sanna & Schwarz, 2007). Alinhado a essa ideia, Arkes (2013) chama a atenção para pesquisas que indicaram que o viés de retrospectiva pode produzir mais excesso de confiança em médicos. Segundo o autor, essa super confiança, principalmente presente nos mais experientes, não apresentou relação com acurácia de diagnósticos. Ou seja, o viés gera uma super confiança que não reflete o desempenho do profissional em avaliar corretamente um quadro clínico.

## IMPLICAÇÕES

O viés retrospectivo pode trazer sérias consequências para situações cotidianas, sobretudo para tomadores de decisão. Uma delas, já citada, é o excesso de confiança, que pode levar a pessoa a exagerar a percepção de sua habilidade, resultando na negligência de alternativas para um determinado problema e a adesão de maiores riscos em decisões futuras (Roese & Vohs, 2012). Como bem explica Gilbert (2006), a falsa percepção de que nossas memórias são retratos fiéis dos fatos, leva-nos a criar ilusões a respeito da nossa capacidade de prever o futuro. Esse excesso de confiança, às vezes, gera certezas injustificadas sobre um evento, a despeito dos dados objetivos (ex. apostadores em jogos de azar). Se a pessoa considera que já sabia de um resultado há tempos, ou seja, superestima sua habilidade de previsão, ela será mais relutante em considerar ideias novas para atacar um problema. Pesquisas mostram que aqueles que apresentam maior viés apresentam piores resultados na área de decisões financeiras (Louie, Chandrasekar & Wu, 2014; Muntazir, Syed, Khalid, Usman & Muhammad, 2013) e estudos indicam que empreendedores superestimam suas previsões de sucesso, muito acima dos resultados estatísticos reais (Roese & Vohs, 2012).

Dado os efeitos negativos que a superconfiança gerada pelo viés retrospectivo pode levar, Louie, Chandrasekar e Wu (2014) destaca o risco de uma empresa que foca sua seleção em candidatos que tiveram apenas sucesso em sua carreira. Segundo os autores, um profissional que teve experiências positivas e negativas, pode ser mais capaz de distinguir o papel da sorte e o da habilidade em resultados bem-sucedidos, e assim, evitar decisões erradas causadas pelo viés.

Outra consequência negativa é chamada *miopia*, que envolve um erro de avaliação das reais causas de um problema, seja por exagerar um determinado ponto relativamente correto, seja por focar na causa errada. Um executivo ou general que teve sorte de tomar uma decisão que foi exitosa, embora irresponsavelmente arriscada, pode ser considerado, sob o viés retrospectivo, alguém talentoso e muito capaz (Kahneman, 2012). Imagine um chefe de Estado que, diante de uma crise econômica, crie políticas de incentivo ao consumo. A depender do desfecho, esse líder poderá entrar nos anais da história como um herói ou como um irresponsável e incapaz. Ou seja, nesse caso, políticas de incentivo ao consumo em tempos de crise não são avaliadas como sendo ou não a melhor alternativa. A depender apenas das consequências dessa medida, cidadãos, especialistas e até mesmo historiadores, enviesados, atribuem valor negativo ou positivo ao responsável. Fato este que revela uma incongruência do ponto de vista lógico, uma vez que o mérito da decisão deveria ser analisado a partir das informações e do conhecimento que a pessoa dispunha no momento em que decidiu, e não a partir do resultado conhecido, o qual pode ter surgido pelas forças do acaso.

Voluntários do estudo de Carli (1999) receberam uma história a respeito de uma garota que teve um encontro com um rapaz que havia conhecido no bar e que tinha aceitado entrar no apartamento dele no final da noite. Apenas para a metade dos participantes, o final da história terminou em estupro. Uma semana depois, esses sujeitos receberam um questionário em que tinham que indicar quais eram as probabilidades para cada um de três possíveis desfechos para aquela história: estupro; pedido de casamento; garota ser levada para sua casa sem incidentes. Os resultados indicaram um efeito de viés retrospectivo para o grupo que recebeu a informação do desfecho trágico, ou seja, o simples fato de tomarem conhecimento do resultado, fez com que o grupo experimental superestimasse as probabilidades daquele desfecho acontecer, quando comparado ao grupo controle ( $M = 5.10$  vs.  $4.08$ , respectivamente;  $F(1, 127) = 5.36$ ,  $p < .05$ ). Além disso, a pesquisa mostrou uma alta taxa de desaprovação nos

comportamentos e atitudes da garota, na perspectiva do grupo experimental. A partir dos resultados desse estudo, pode-se refletir na questão da culpabilização de vítimas em casos de abusos sexuais e violência física em geral, em que algumas pessoas tendem a atribuir uma grande responsabilidade desses eventos aos comportamentos da vítima. Além das óbvias e sérias questões sociais e de discriminação de gênero que explicam esse fenômeno, pode ser que haja algum nível de influência do efeito do viés retrospectivo nesses casos também.

Como dito, o viés retrospectivo leva observadores a avaliar uma situação de acordo com o desfecho, sem analisar corretamente o processo e a ausência da clareza de dados que só se mostram óbvios depois do resultado. Em tribunais jurídicos, por exemplo, cirurgiões podem ser julgados negligentes por não terem tomado a decisão mais “plausível” que teria evitado um óbito ou, como Oeberst e Goeckenjan (2016) mostraram, até mesmo juizes de direito, às vezes, cometem injustiças em casos de julgamentos criminais por serem também suscetíveis ao viés retrospectivo. Muitos profissionais podem ser acusados por não enxergarem “os sinais claros de uma desgraça”, mas aqueles que o julgam podem esquecer que os sinais estão escritos em uma tinta invisível, a qual só se torna legível após o ocorrido (Kahneman, 2012)

Pessoas tendem a julgar que os eventos que vêm à mente com maior facilidade, são de ocorrência mais provável (Kahneman & Tversky, 1973). Esse fenômeno é chamado de heurística de disponibilidade e costuma levar a erros de julgamento de risco real. Por exemplo, devido ao grande foco da mídia em casos de assassinato, pessoas tendem a superestimar a probabilidade desse evento. No entanto, ao considerar as taxas de mortes por violência humana, estatísticas mundiais indicam que em 2012 o crime matou 500 mil pessoas e outras 120 mil foram mortas em guerras, enquanto 800 mil cometeram suicídio e 1,5 milhão morreram em decorrência da diabetes (Harari, 2016). Apesar do constante sentimento de ameaça de terrorismo nos EUA, sobretudo, pelo foco que o atual presidente Donald Trump coloca na questão, a Coca-cola e o McDonald's representam muito mais perigo letal do que a Al-Qaeda, uma vez que em 2010, a obesidade e doenças relacionadas mataram cerca de 3 milhões de pessoas, contra 7697 de pessoas mortas por terrorismo em todo o mundo (Harari, 2016).

Fischhoff, Gonzalez, Lerner e Small (2012) realizaram uma pesquisa para investigar a relação do julgamento de risco das pessoas com o viés retrospectivo. Logo após os ataques de 11 de setembro, participantes foram solicitados a descrever a probabilidade de risco de determinados eventos. Um

ano depois, esses mesmos participantes foram recrutados e solicitados a lembrar das respostas dadas um ano anterior. Uma vez que a sensação de segurança dos indivíduos era maior do que no ano antecedente, a memória deles sobre a estimativa também foi alterada, indicando que o viés retrospectivo estava ligado à heurística de disponibilidade. Ou seja, como se sentiam mais seguros no presente, eram incapazes de lembrar corretamente o nível de risco que julgavam estar correndo no passado. De um modo geral, essa é uma importante questão de interesse público, pois leva à reflexão de como as informações que são selecionadas pela mídia podem alterar tanto a percepção de risco pela sociedade, quanto sua memória.

Um experimento realizado no Brasil (Ciareli & Avila, 2009) mostrou um forte efeito de heurística de disponibilidade na percepção de realidade, evidenciando que a frequência e a forma com que a mídia noticia determinadas notícias podem influenciar a percepção e o julgamento das pessoas a respeito da probabilidade e frequência de fatos do dia a dia. Em casos em que a opinião popular ou mesmo plebiscitos é crucial para alguma tomada de decisão, deve-se pensar em como estratégias usadas para alterar a heurística de disponibilidade ou o viés de retrospectiva podem ser usadas como ferramenta de manipulação social.

É importante salientar que embora o viés retrospectivo traga efeitos negativos no funcionamento cognitivo, suas consequências também podem, às vezes, ser adaptativamente positivas. Por exemplo, uma pesquisa realizada por Halford, Keefer e Osgarby (2002) mostrou que casais que tinham uma percepção melhor do casamento tendiam a lembrar apenas de aspectos positivos de seu parceiro e mostravam maior efeito do viés retrospectivo do que aqueles que se sentiam mal na relação, os quais tinham memórias mais acuradas. Ou seja, o bem-estar na relação gera uma distorção de memória a favor de uma maior percepção de bem-estar. Sendo assim, talvez o amor não seja cego, ele apenas é positivamente mais suscetível ao viés retrospectivo.

## ESTRATÉGIAS CONTRA O VIÉS

Uma vez que há fortes evidências na literatura que confirmam a presença do viés retrospectivo no cotidiano de pessoas comuns e especialistas (Motavalli & Nestel, 2016; Muntazir et al., 2013), e, além disso, diante das implicações negativas que esse fenômeno acarreta, surge o questionamento de como é possível superar essa falha cognitiva, a fim de se evitar erros e aumentar a eficiência nas tomadas de decisões. Uma dessas estratégias é levar o tomador de decisões a cogitar o oposto, ou seja, elaborar diferentes

explicações para o desfecho (Arkes, 2013; Kahneman, 2012). Por exemplo, para não se apoiar em um resultado positivo que pode ter sido causado por fatores aleatórios, um executivo pode solicitar aos seus diretores que imaginem que a situação atual fosse diferente, ou seja, não ocorrera o êxito esperado. A partir daí, ele pode pedi-los que elaborem razões e criem um breve histórico que justificaria o resultado negativo. Assim, o exercício mental de gerar diferentes explicações conduz à reflexão de até que ponto aquele resultado foi devido a uma estratégia específica ou apenas produto de várias outras variáveis não controladas, dando maior embasamento e segurança para que no futuro, seja mantida ou não, a mesma tática que a priori, fora considerada responsável pelo sucesso.

O exercício de “considerar o oposto”, obviamente, pode ser aplicado diante de situações pessoais. Essa estratégia cognitiva conduz a um nível de raciocínio que é diferente de se pensar que há apenas um efeito para cada causa, resultando em conclusões mais realistas que consideram fatores multicausais e avaliam a solidez do processo. Uma das razões dessa estratégia ser efetiva é que ela pode atenuar a sensação subjetiva de facilidade, o que, consequentemente, diminui o viés. Há várias pesquisas que já indicaram a eficiência dessa estratégia na redução do viés retrospectivo (Roese & Vohs, 2012).

Outro fator que pode ser pensado como proteção contra o viés retrospectivo é a expertise. Alguém que domina um campo de conhecimento deveria, em tese, ter melhores habilidades para raciocinar de forma mais eficiente em sua área. No entanto, um estudo realizado por Knoll e Arkes (2016) mostrou que não há ainda na literatura uma evidência clara se a expertise é ou não um elemento importante para o viés. Segundo os autores, um robusto conjunto de estudos realizados com esse objetivo sentido não foram ainda suficientes para elucidar essa questão. Apesar de haver estudos mostrando que o fato de ser um especialista leva a um menor enviesamento, outros sugerem que a expertise exacerba o viés porque os participantes sentem como se soubessem mais em sua área do que realmente sabem e muitas das vezes, preferem chutar questões a admitir que desconhecem uma informação de uma área que são especialistas.

Além disso, a pesquisa de Knoll e Arkes (2016) mostrou que os mais *experts* tinham mais dificuldades de desassociar novas informações das velhas, ou seja, de recordar corretamente os próprios estados mentais anteriores a determinados eventos. Por outro lado, Kahneman e Klein (2009) mostram que em áreas nas quais os profissionais recebem feedbacks claros e regulares, a expertise acaba incorporando habilidades

que atenuam o viés. Roese e Vohs (2012) apresentaram pesquisas que indicam que especialistas em xadrez, contabilidade e seguros recebem feedbacks a todo tempo, o que lhes permitem recalibrar seus julgamentos continuamente, diferentemente de juizes, analistas políticos e psicólogos clínicos que recebem feedbacks limitados e ambíguos, dificultando a oportunidade para recalibração dos julgamentos. Os autores concluem que a questão não é se a expertise reduz ou não o viés, mas sim em que condições isso é possível. Ao que parece, os bons resultados surgem da clareza e frequência de feedbacks que os especialistas recebem. Resumindo, a expertise pode realmente ser um fator para diminuir o viés, desde que seja em um âmbito em que o profissional receba feedbacks suficientes e objetivos.

Sanna e Schwarz (2007) discutem sobre a relação entre o viés retrospectivo e sensação de familiaridade. Já é bem evidenciado na psicologia cognitiva que a sensação de familiaridade aumenta a fluidez no processamento da informação, ou seja, diante de estímulos que parecem familiares, o cérebro usa processos mais automáticos para realizar as tarefas. Por isso que há uma expressão popular que diz que uma mentira repetida várias vezes torna-se uma verdade, pois o conforto de uma mensagem familiar gera menor empreendimento cognitivo para analisar sua veracidade. Por outro lado, quando algum estímulo causa estranheza ou surpresa, áreas do cérebro responsáveis por análises mais deliberadas, laboriosas e ordenadas são ativadas. Sendo assim, o viés retrospectivo é maior quando o resultado é mais facilmente processado, por gerar um sentimento de familiaridade, uma vez que a facilidade em evocar uma informação, gera um sentimento maior de certeza.

Pesquisas indicam que manipulações da fluência do processamento da informação, tais como modificar a nitidez no papel onde a tarefa é descrita, podem alterar o grau do viés encontrado. Pessoas que tiveram que esforçar mais para ler um texto (cores cinzeladas) mostraram menor efeito do viés, pois tiveram que ativar mais recursos cognitivos para entenderem a informação, logo, também ativaram o sistema cognitivo responsável por processar informações analiticamente. Além disso, participantes que tiveram que elaborar dez razões para um determinado desfecho, em vez de duas apenas, também apresentaram menos erros retrospectivos. Portanto, o exercício metacognitivo - conscientização dos próprios conhecimentos e capacidade de refletir sobre os processos cognitivos privados – pode ser uma boa estratégia para atenuar os efeitos de falhas na memória (Sanna e Schwarz, 2007).

A redução do viés retrospectivo também pode ser automaticamente usada com fins de preservar a

autoestima e melhorar a autoimagem. Resultados desfavoráveis, às vezes, são creditados a outros com o argumento da incapacidade de previsão pelo responsável. “*Eu nunca poderia prever que isso aconteceria*” é uma frase que ilustra a tentativa de uma pessoa de se absolver da vergonha ou culpa. Pezzo (2011) relata exemplos de pesquisas que mostram que resultados negativos – em contraponto com os positivos – tendem a diminuir o viés retrospectivo no nível do sentimento de inevitabilidade e previsibilidade. Ou seja, diante de um fracasso pessoal é mais fácil reconhecer que os eventos ocorridos foram imprevisíveis para reduzir o sentimento de culpabilidade, pois é mais confortável absorver uma falha inevitável do que reconhecer um erro que poderia tranquilamente ser evitado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de se perceber e avaliar eventos diferentemente, uma vez que eles tenham ocorrido ocorre em várias situações do cotidiano. Frases do tipo “*Eu disse que isso ocorreria*”, “*Era óbvio que o resultado seria esse*” e “*Eu sempre soube que seria assim*” são escutadas a todo tempo e em todos os lugares. Algumas vezes, essas frases causam certo ceticismo naqueles que as ouvem, mas a depender de quem as fala, podem até mesmo gerar um aumento de confiança na capacidade do outro em prever eventos futuros. No entanto, uma série de estudos tem mostrado que o viés retrospectivo é um fenômeno da mente que pode gerar distorções de memória e sentimentos de falsa inevitabilidade e previsibilidade.

Mesmo com fortes evidências da incapacidade humana de prever o futuro (Gilbert, 2006), a mente cria estratégias para dar um sentido ao mundo e ocasionalmente produz falácias narrativas para acomodar as lembranças de forma mais simples (Taleb, 2014), mesmo que, às vezes, isso custe não recordar corretamente os fatos, como ocorre no viés retrospectivo. Essa limitação cognitiva, entretanto, traz várias implicações em diferentes áreas, sobretudo, no âmbito de profissionais responsáveis por tomada de decisões cruciais. Médicos, juizes, consultores financeiros, investidores, técnicos de futebol e especialistas gerais podem não estar conscientes de graves erros que cometeram na carreira por não saberem da suscetibilidade a esse viés cognitivo. Cidadãos de um modo geral, pela limitação da memória e manipulação midiática, podem fazer péssimas escolhas de políticos por não serem suficientemente capazes de analisar criticamente os próprios pensamentos, através de um processo de metacognição. Alguém que acaba de ser informado que

o nível de pressão arterial está muito alterado pode, disfuncionalmente, e através de uma distorção de memória, achar que sempre soube daquele quadro, e assim, continuar mantendo uma dieta desfavorável à recuperação, por julgar que isso é o comum em sua vida. Não faltariam exemplos para corroborar a importância do tema e as várias consequências e implicações sociais e pessoais que ele acarreta.

A percepção dessa falha cognitiva pode levar as pessoas a usarem estratégias para atenuar os efeitos negativos do viés retrospectivo, tais como: pensar hipoteticamente o resultado oposto de um evento com explicações alternativas; otimizar o processo de feedback para que seja mais frequente e mais objetivo; usar a mente de forma mais analítica e menos automática, conscientizando da vulnerabilidade aos vieses cognitivos. Todas essas estratégias podem tornar o processo decisório e os julgamentos mais eficientes e responsáveis.

Dada a escassez de estudos no Brasil sobre o tema, cresce de importância a necessidade de pesquisas que busquem analisar os efeitos do viés retrospectivo na população nacional, com a finalidade de explorar cientificamente esse fenômeno e ampliar sua divulgação. Apesar de o tema ser bem documentado internacionalmente, ainda há várias questões em aberto, sobretudo em relação ao impacto do viés em diferentes especialidades. Outro ponto que pesquisas futuras poderiam explorar é como o viés retrospectivo se relaciona com a teoria da crença em um mundo justo, dada sua relação com a falácia da narrativa.

## REFERÊNCIAS

- Arkes, H. R. (2013). The consequences of the hindsight bias in medical decision making. *Current in Psychological Science*, 22 (5), 356-360 doi: 10.1177/0963721413489988.
- Bhattacharya, C. (2012) Handedness differences in hindsight bias: insight into mechanisms and theory of a common decision bias. *Theses and Dissertations*. Paper 267. Disponível em: <http://utdr.utoledo.edu/theses-dissertations/267>
- Bradfield, A., & Wells, G. L. (2005). Not the same old hindsight bias: Outcome information distorts a broad range of retrospective judgments. *Memory & Cognition*, 33, 120–130.
- Calvillo, D. P. (2013) Rapid Recollection of Foresight Judgments Increases Hindsight Bias in a Memory Design. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 39(3), 959–964.

- Carli, L. L. (1999). Cognitive reconstruction, hindsight, and reactions to victims and perpetrators. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25, 966–979. doi: 10.1177/01461672992511005.
- Ciarelli, G., Avila, M. (2009) A influência da mídia e da heurística da disponibilidade na percepção da realidade: um estudo experimental. *Revista de Administração Pública*, 43(3), 541-562.
- Fischhoff, B. (2003). Hindsight ≠ foresight: the effect of outcome knowledge on judgment under uncertainty. *Quality & Safety in Health Care*, 12, 304–312.
- Fischhoff, B., Gonzalez, R. M., Lerner, J. S.; Small, D. A (2012). Evolving judgments of terror risks: foresight, hindsight, and emotion: a reanalysis. *Journal of Experimental Psychology Applied* 18 (2), 1-16. doi: 10.1037/a0027959
- Fischhoff, B., & Beyth, R. (1975). “I knew it would happen”: Remembered probabilities of once–future things. *Organizational Behavior and Human Performance*, 13, 1–16. doi:10.1016/0030-5073(75)90002-1.
- Gilbert, D. T. (2006) *Stumbling on happiness* /New York : A.A. Knopf.
- Ghrear, S. E., Birch, S. A. J., Bernstein, D. M. (2016) Outcome Knowledge and False Belief. *Frontiers in Psychology*, 7:118. doi: 10.3389/fpsyg.2016.00118.
- Halford, W. K., Keefer, E., & Osgarby, S. M. (2002). “How has the week been for you two?” Relationship satisfaction and hindsight memory biases in couples’ reports of relationship events. *Cognitive Therapy & Research*, 26, 759-773.
- Harari, Y.N. (2016). *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kahneman, D., & Klein, G. (2009). Conditions for intuitive expertise: A failure to disagree. *American Psychologist*, 64, 515–526.
- Kahneman, D. (2012). *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1973). On the psychology of prediction. *Psychological Review*, 80, 237–251.
- Knoll, M. A. Z.; Arkes, H. R. (2016). The Effects of Expertise on the Hindsight Bias. *Journal of Behavioral Decision Making*, 1–11. doi: 10.1002/bdm.1950
- Louie, T., Chandrasekar, P., Wu, W. P. (2014). Time is of the Essence? Investigating How Culturally-Based Perceptions of Time Affect Hindsight Bias for Task Completion. *Drake Management Review*, 3(2), 37-52.
- Motavalli, A., Nestel, D. (2016). Complexity in simulation-based education: exploring the role of hindsight bias. *Advances in Simulation*, 1 (3) .doi 10.1186/s41077-015-0005-7
- Muntazir, H., Syed, Z. A. S., Khalid, L., Usman, B., Muhammad, Y. (2013) Hindsight bias and investment decisions making empirical evidence form an emerging financial market. *International Journal of Research Studies in Management*, 2:2, 78-88.
- Murata, A., Matsushita, Y. (2014). Hindsight Bias in Cause Analysis of Accident. *Psychology Research*, 4 (11), 843-851.
- Nestler, S., Blank, H., & Egloff, B. (2010). Hindsight ≠ hindsight: Experimentally induced dissociations between hindsight components. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 36, 1399–1413. doi: 10.1037/a0020449.
- Nestler, S. Egloff, B., Kufner, A. C. P., & Back, M. D. (2012). An integrative lens model approach to bias and accuracy in human inferences: Hindsight effects and knowledge updating in personality judgment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 698-717.
- Oeberst, A.; Goeckenjan, I. (2016). When being wise after the event results in injustice: evidence for hindsight bias in judges’ negligence assessments. *Psychology, Public Policy, and Law*, 22 (3), 271–279. doi: 10.1037/law0000091.
- Pezzo, M. V. (2011). Hindsight bias: A primer for motivational researchers. *Social & Personality Psychology Compass*, 5(9), 665–678.
- Roese, N.J.; Vohs, K.D. (2012). Hindsight bias. *Perspectives on Psychological Science*, 7(5), 411-426. doi: 10.1177/1745691612454303.
- Sanna, L. J., & Schwarz, N. (2007). Metacognitive experiences and hindsight bias: It’s not just the thought (content) that counts. *Social Cognition*, 25, 185–202.



Taleb, N. N. (2014). *A lógica do cisne negro: O impacto do altamente improvável*. Rio de Janeiro: Best Business.

Recebido em: 23/03/2017  
Primeira decisão editorial: 07/07/2017  
Versão Final: 08/07/2017  
Aprovado em: 20/07/2017